REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO E INOVAÇÃO DA UNIVEL

A RECONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM EM JOHN DEWEY

THE RECONSTRUCTION OF EXPERIENCE IN THE TEACHING-LEARNING PROCESS ACCORDING TO JOHN DEWEY

DOI: https://doi.org/10.56238/rebeisv1n11-001

Data de submissão: 23/06/2026 **Data de Publicação:** 21/09/2026

Amanda Paz Maciel[1]
Natiely Andrade da Silva[2]
Hélio da Siqueira[3]

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo geral analisar o pensamento de John Dewey acerca da reconstrução da experiência no processo de ensino-aprendizagem, destacando como o pragmatismo fundamenta uma prática educativa voltada à ação e à formação integral do estudante. O estudo parte da constatação de que, ainda hoje, a educação brasileira enfrenta dificuldades relacionadas à permanência de métodos tradicionais de ensino, centrados na memorização e na reprodução do conhecimento, o que impede o desenvolvimento da autonomia e da reflexão crítica dos alunos. Diante dessa realidade, esta pesquisa busca contribuir para a compreensão de um modelo educacional baseado na experiência, no qual o aprender fazendo constitui o caminho para a construção do conhecimento significativo. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de obras de John Dewey, Anísio Teixeira e outros autores que discutem o pragmatismo aplicado à educação. O estudo buscou compreender como a reconstrução da experiência se manifesta no processo de ensino-aprendizagem e de que maneira essa concepção pode orientar o trabalho docente. Espera-se, como resultado, que esta pesquisa contribua para a valorização da prática educativa reflexiva, que reconheça o papel do professor como mediador e promova uma aprendizagem significativa, pautada na interação entre o indivíduo e o meio. Assim, o trabalho visa fortalecer a compreensão da escola como espaço de vida e de reconstrução contínua da experiência humana.

Palavras-chave: John Dewey, pragmatismo, reconstrução da experiência, experiência educativa, princípio de continuidade.

ABSTRACT: This article aims to analyze John Dewey's thought regarding the reconstruction of experience within the teaching-learning process, highlighting how pragmatism underpins an educational practice focused on action and the student's holistic development. The study begins with the observation that Brazilian education still faces challenges stemming from the persistence of traditional teaching methods—centered on rote memorization and the

[1] Acadêmica do Curso de Pedagogia – Centro Universitário UNIVEL
[2] Acadêmico do Curso de Curso de Pedagogia – Centro Universitário UNIVEL.
[3] ORIENTADOR: Professor Mestre Hélio da Siqueira - Professor do Curso de Pedagogia, Arquitetura e Urbanismo. Análise e Desenvolvimento de Sistemas, Odontologia, Direito e Ciências Contábeis – Centro Universitário UNIVEL.

reproduction of knowledge—which hinder the development of student autonomy and critical reflection. In light of this reality, this research seeks to contribute to the understanding of an experience-based educational model, wherein "learning by doing" serves as the pathway to constructing meaningful knowledge. Methodologically, this is a bibliographic study based on an analysis of works by John Dewey, Anísio Teixeira, and other authors who discuss pragmatism as applied to education. The study sought to understand how the reconstruction of experience manifests in the teaching-learning process and how this concept can guide teaching practice. The expected outcome is that this research will contribute to valuing reflective educational practice, recognizing the teacher's role as a mediator and promoting meaningful learning grounded in the interaction between the individual and the environment. Thus, the work aims to strengthen the understanding of the school as a space for living and for the continuous reconstruction of human experience.

Keywords: John Dewey, pragmatism, reconstruction of experience, educational experience, principle of continuity.

1 INTRODUÇÃO

Na primeira metade do século XX, emergiu a corrente filosófica do pragmatismo, que se contrapôs ao modelo tradicional de educação, marcado pela ênfase na memorização e na transmissão de conteúdos prontos. O presente estudo tem como tema central a reconstrução da experiência no processo de ensino-aprendizagem segundo John Dewey, cuja filosofia propõe uma educação voltada à ação e à vida. O tema revela-se relevante na atualidade, uma vez que o cenário educacional brasileiro ainda apresenta práticas pedagógicas que pouco estimulam a autonomia intelectual e a reflexão crítica, exigindo novas formas de compreender o papel da escola e do professor.

Fundamentado no pragmatismo proposto por John Dewey, filósofo norte-americano, o presente trabalho de pesquisa buscará investigar e realizar reflexões referentes ao método ensino-aprendizagem. Segundo o filósofo, a educação é um processo de reconstrução e reorganização da experiência e, por meio de uma análise filosófica, será apresentado como ocorre tal procedimento.

John Dewey é uma das três figuras centrais dessa doutrina nos EUA, ao lado de Charles Sanders Pierce e Willian James. No entanto, a teoria defendida por ele, exerce maior influência no ensino brasileiro, inspirando o movimento da Escola Nova, liderado por Anísio Teixeira. Além disso, as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (MEC, 2006) estão amparadas na doutrina pragmática, o que demonstra o seu considerável acréscimo às teorias didáticas.

O pragmatismo busca trabalhar o conceito da experiência aplicada na educação, destacando a reconstrução da experiência como orientação para as experiências futuras. No processo educativo é que ocorre a transmissão de crenças, costumes e conhecimentos, porém, estes não sendo algo acabado, necessitam de um processo constante de desenvolvimento e de construção. Dessa forma, o pragmatismo é uma corrente filosófica que trabalha as ideias como instrumentos de ação, desde que produzam efeitos práticos.

Dewey analisou o processo educacional dos Estados Unidos no final do século XIX e início do século XX para compreender como a experiência humana está inserida no ensino-aprendizagem. Isto, somado ao significativo progresso da ciência, às novas tecnologias e ao significativo desenvolvimento social, provocou a necessidade de novas reflexões sobre a educação, destacando seu modo prático com o objetivo de valorizar a ação do homem.

Para melhor compreender o problema que vamos investigar, faz-se necessário confrontar o modelo da Escola Tradicional de ensino com a Escola Renovada, proposta por Dewey, retomar o conceito de “Homem”, a relação do conceito de educação e a experiência no processo educacional e assim, observar a função do professor na instituição escolar.

O primeiro tópico da nossa pesquisa consistirá na caracterização da teoria pragmática, o seu surgimento e o que ela propõe, explicitando a reconstrução da experiência no processo ensino-aprendizagem, apresentando como o pragmatismo a fundamenta. E por fim, o segundo tópico, trabalhará a reconstrução da experiência na prática docente. Descrever-se-á a função do docente, tendo em vista essa reconstrução e uma proposta de como ficaria a sala de aula e o trabalho daquele que é o mediador e responsável pelo desenvolvimento do estudante.

1 A CRIANÇA E O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O pragmatismo, surgido nos Estados Unidos na virada do século XIX para o XX, desenvolveu-se em meio a intensas transformações sociais, políticas e econômicas que exigiam soluções práticas e imediatas. Nesse contexto, John Dewey destacou-se como o principal representante da corrente, propondo uma filosofia voltada à ação e à experiência como instrumentos de reconstrução da vida individual e social. Dewey não denominava sua filosofia de “pragmática”, mas de “naturalismo empírico”, uma forma de empirismo que buscava integrar o conhecimento à prática cotidiana. Diante da crise econômica de 1929 e das duas guerras mundiais, ele via na educação a via essencial para reconstruir a sociedade e promover a cooperação humana.

A educação, segundo Dewey, deveria afastar-se da rigidez da escola tradicional, que privilegiava a memorização e a transmissão de conteúdos prontos, distantes da realidade vivida pelos alunos. Em contraposição, a Escola Nova, inspirada em suas ideias, defendeu o “aprender fazendo”, isto é, uma prática educativa centrada na experiência concreta e na participação ativa do estudante. Assim, o saber não deveria ser algo imposto “de fora para dentro”, mas construído a partir da vivência e da interação com o meio. A educação tornou-se, então, um processo de desenvolvimento contínuo, e não mera preparação para o futuro.

Dewey compreende o ser humano como um ser ativo, capaz de refletir, adaptar-se e transformar o ambiente. Essa capacidade distingue o homem dos demais animais, pois permite reconstruir experiências e compreender o sentido das ações. “A adaptação, finalmente, é tanto a adaptação do meio à nossa atividade, como a de nossa atividade ao meio” (Dewey, 1979, p. 51). Dessa concepção decorre a ideia de que educar é possibilitar ao indivíduo compreender e reorganizar sua própria experiência, desenvolvendo autonomia e consciência crítica.

A educação, portanto, é parte integrante da vida. Para Dewey, “toda aprendizagem deve ser integrada à vida, isto é, adquirida em uma experiência real de vida” (Dewey, 1971, p. 36). A escola, nesse sentido, deve ser um ambiente de vida presente, em que o aluno experimente, reflita e transforme sua realidade.

A dimensão educativa de Dewey envolve duas perspectivas indissociáveis: a psicológica e a social. O desenvolvimento individual depende da interação com o grupo, e é por meio da convivência que o ser humano adquire hábitos, valores e conhecimentos. A educação, então, é um processo de reconstrução social e pessoal simultaneamente. Por isso, “a escola deve ensinar a aprender”, promovendo a capacidade de agir adequadamente diante das experiências presentes e futuras. O objetivo da educação é, assim, a própria educação — um processo contínuo de crescimento.

Com essa perspectiva, a criança torna-se o centro da ação educativa. Inspirado por Anísio Teixeira, Dewey considera que a criança deve ser respeitada “como um fim em si mesma e nunca como um meio” (Teixeira, 2000, p. 56). Ela é sujeito ativo de sua formação, portadora de desejos e interesses que precisam ser considerados no processo de ensino-aprendizagem. A liberdade é condição indispensável para o desenvolvimento, pois “não é somente o desejo de dar liberdade à criança que dirige os educadores, é, sobretudo, a impossibilidade de negá-la” (Teixeira, 2000, p. 61). O papel do professor, portanto, é o de orientar, estimular e cooperar, e não impor conteúdos prontos.

A experiência é o eixo central do pensamento de Dewey. Para ele, o conhecimento nasce da ação e da reflexão sobre as consequências dessa ação. A experiência torna-se educativa quando o sujeito compreende a relação entre o ato e seus efeitos — como no exemplo da criança que, ao se queimar, entende a ligação entre o toque e a dor. Isto é, apenas o fato de se queimar não constitui experiência, mas somente adquiri valor quando há consciência da relação entre o ato e suas consequências, no caso, o de pôr o dedo no fogo terá a consequência da queimadura, e por isso, da dor. O que se conclui a partir disso? Apenas ocorre o aprendizado após a ação.

A experiência é o agir sobre o outro corpo e sofrer de outro corpo uma reação. É a relação entre dois cosmos, alterando, até certo ponto, uma realidade. É através de uma experiência que possibilitará uma transformação, uma alteração do mundo. A aprendizagem ocorre, então, quando há consciência do processo e reconstrução do significado vivido. Dewey define a experiência como “uma forma de interação pela qual os dois elementos que nela entram – situação e agente – são modificados” (Dewey, 1971, p. 14).

Dois princípios sustentam a experiência educativa: continuidade e interação. A continuidade refere-se ao encadeamento entre experiências passadas, presentes e futuras — cada vivência influencia e transforma as seguintes. A interação, por sua vez, é o diálogo permanente entre o indivíduo e o meio, físico e social. Somente quando esses dois princípios atuam conjuntamente a experiência torna-se significativa e favorece o crescimento. “Toda experiência deveria contribuir para o preparo da pessoa em experiências posteriores de qualidade mais ampla ou mais profunda” (Dewey, 1979, p. 41).

Dessa forma, a educação deve favorecer experiências que ampliem as possibilidades de aprendizagem, em vez de restringi-las. Experiências deseducativas são aquelas que interrompem o processo de crescimento, como as práticas de ensino baseadas apenas na memorização. A escola, segundo Dewey, deve reproduzir o contexto cotidiano da criança, transformando as vivências familiares e sociais em fonte de aprendizagem. “Se não perceber a continuidade entre a experiência vivida e a nova não há conhecimento” (Loebens, 2003, p. 25). A atividade educativa precisa estar enraizada na realidade do aluno, transformando o saber em ação e a teoria em prática reflexiva.

A reconstrução da experiência, portanto, é o núcleo da educação pragmatista. É nesse movimento que o indivíduo reorganiza o passado à luz do presente e projeta novas possibilidades de ação. A escola deve funcionar como um “laboratório comunitário”, onde o estudante aprende fazendo, refletindo e reconstruindo suas experiências. Essa concepção une teoria e prática, indivíduo e sociedade, preparando o terreno para compreender as implicações pedagógicas que a reconstrução da experiência traz à prática docente.

2 A RECONSTRUÇÃO DA EXPERIÊNCIA: POSSIBILIDADES PARA UMA PRÁTICA DOCENTE

Diante da pesquisa já realizada anteriormente sobre a concepção pragmática da educação, questionamos o seguinte: como a reconstrução da experiência pode contribuir no trabalho docente de ensino-aprendizagem?

Como vimos anteriormente, dentre inúmeras correntes filosóficas que trabalharam a educação, surgiu a corrente pragmática que, por sua vez, influenciou diretamente na concepção educativa de inúmeros países, destacando a do Brasil.

No Brasil, surgiu o movimento da Escola Nova, liderada por Anísio Teixeira. Essa iniciativa possibilitou diferentes reflexões acerca da educação no país. Quando falamos de Escola Nova, pressupõe-se a existência da Escola Tradicional.

O que consiste a Escola Tradicional no que se refere à prática docente? A "pedagogia tradicional" é uma proposta de educação centrada no professor, cuja função se define como a de vigiar e aconselhar os alunos, corrigir e ensinar a matéria. Ela se funda na transmissão do conhecimento já estabelecido, esse processo ocorre por memorização. Anísio Teixeira defende a ideia de que "o aprender não significa somente fixar na memória, nem dar expressão verbal e própria ao que se fixou na memória, " (Teixeira, 2000, p.64), como vimos, anteriormente. Na Escola Nova, por sua vez, a educação está centrada no estudante. Cito:

> A "pedagogia renovada" é uma concepção que inclui várias correntes que, de uma forma ou de outra, estão ligadas ao movimento da Escola Nova ou Escola Ativa. Tais correntes, embora admitam divergências, assumem um mesmo princípio norteador de valorização do indivíduo como ser livre, ativo e social. O centro da atividade escolar não é o professor nem os conteúdos disciplinares, mas sim o aluno, como ser ativo e curioso. O mais importante não é o ensino, mas o processo de aprendizagem. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p. 31).

Como devemos entender essa diferença entre as Escolas quando referimos ao papel do professor? Em oposição à Escola Tradicional, a Escola Nova destaca o princípio da aprendizagem por descoberta, destacando o interesse de aprendizagem a partir dos próprios alunos. Esse processo ocorre fundamentalmente pela experiência, isto é, pelo que descobrem por si mesmos.

No século XXI, as escolas já possuem uma maior liberdade quanto ao planejamento e conteúdo da vida escolar. De acordo com as Leis de Diretrizes e Bases, é permitido a Escola discutir e construir seu próprio Projeto Pedagógico considerando a realidade em que ela se encontra. Para que haja essa reconstrução da experiência no processo de ensino-aprendizagem, é necessário, de acordo com a teoria de Dewey, organizar o currículo escolar levando em consideração a vida social da criança. Para o pensador, as matérias do currículo escolar precisam estar relacionadas com a realidade da criança. Caso contrário, elas não influenciam no processo de crescimento. Por isso, eis a importância de levar em consideração as experiências, o meio em que o estudante está inserido. É a realidade vivida pelo aluno que deve nortear o trabalho educativo. Considerando esses aspectos, como deve agir o educador para que ocorra essa reconstrução da experiência? Inúmeras reflexões já foram realizadas acerca dessa problemática. Afinal, sabemos que o professor tem um papel importante no processo educacional.

De acordo com a teoria deweyana, é ele que organiza, determina, direciona e conduz as experimentações, viabilizando os fins da aprendizagem. No entanto, ele não é mais a autoridade suprema, conforme o que preconizava a Escola Tradicional, mas sim, um mediador do conhecimento que, por suas vivências e maior conhecimento, serve de modelo aos alunos, sendo aquele que estimula e avalia o processo de crescimento que visa à educação social. Schmitz afirma: "A educação é um processo de interação e comunicação,

o professor é parte importante em seu processo. Mas não é uma autoridade, e sim um companheiro dentro do processo". (Schmitz, 1980, p. 24).

Segundo os Parâmetros curriculares, sob influência do pensamento de Dewey, o educador é um facilitador do conhecimento. Aquele que organiza e coordena todo o processo de aprendizagem.

> O professor é visto, então, como facilitador no processo de busca de conhecimento que deve partir do aluno. Cabe ao professor organizar e coordenar as situações de aprendizagem, adaptando suas ações às características individuais dos alunos, para desenvolver suas capacidades e habilidades intelectuais. (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1997, p. 31).

Para o pensador, o professor deve simplificar a mensagem informativa, fazendo com que a aprendizagem do educando tenha significado para ele, pois quando este não compreende o significado, consequentemente ocorre alienação. Assim como Loebens afirma: Quando as pessoas utilizam as palavras e os fatos sem antes terem se apropriado do verdadeiro sentido elas não irão compreender, não há verdadeira comunicação. O educador deve então ajudar a criança a reagir adequadamente diante das incertezas. (Loebens, 2003, p. 33).

Como se percebe, o aluno passa do sujeito passivo para o sujeito do processo. Porém, para que isso ocorra, é necessário que haja um problema a ser discutido, a ser trabalhado. Diante disso, nos perguntamos quem é o responsável de apontar esse problema? O professor ou o aluno?

Não há uma regra padrão para essa problemática. O que é necessário destacar é a importância da percepção do professor quanto a realidade vivida pelo estudante ou algum acontecimento na sociedade. Para que haja a reconstrução da experiência, proposto por Dewey, é importante buscar algo que atrai o aluno, que desperte o interesse para o assunto, porém não exatamente o que eles gostem. Caso contrário, bastava apresentar desenho animado. Cito Loebens:

> O professor deve escutar e perceber o que está acontecendo dentro e fora da sala de aula, mas o problema pode ser trazido pelas crianças ou ser um tema que está na imprensa. O importante é fazer algo que desperte o interesse dos alunos e nunca o que eles gostem. Se fosse só isso, bastava colocar uma televisão com desenhos animados na sala de aula. (Loebens, 2003, p. 30).

Diante disso, há dois aspectos importantes para serem observados: o primeiro, o problema deve surgir dentro das condições da experiência presente, e o segundo, é que aconteça o despertar no aprendiz, uma busca ativa por informações e por novas ideias.

> Os novos fatos e novas ideias, assim obtidos, se fazem campos para novas experiências, em que novos problemas vêm a surgir. O processo é uma contínua espiral. A ligação inalterável entre o presente e o passado não constitui princípio que esteja restrito ao estudo da história. (Dewey, 1979, p.82).

Todos os conteúdos estabelecidos são muito importantes, porém, segundo o pensador, o docente precisa trabalhar aquilo que interessa ao estudante, auxiliando, dessa forma, o crescimento intelectual para o agir na sociedade. A partir do momento que a criança

adquiriu o sentido, há a motivação, de forma intrínseca, a tomada de atitude em relação às coisas, isto é, o agir sobre as coisas.

Por isso, o educador deve estudar as capacidades e necessidades do grupo além de dispor e ordenar as condições para que a matéria ou o conteúdo das experiências satisfaça tais necessidades e desenvolva aquelas capacidades. (Dewey, 1979, p.54). Contudo, se faz necessário também um planejamento flexível permitindo o exercício da experiência individual e, ao mesmo tempo, uma atitude firme para dar continuidade no desenvolvimento da capacidade dos estudantes. Selecionando determinadas coisas dentro da órbita da experiência existente, e através de novos modos de observação e julgamento, possibilitará a ampliação da área para experiências posteriores.

O que não se deve fazer é partir do conhecimento já organizado e sim, do processo ativo de organização dos fatos e ideias. Isto é, para que ocorra uma experiência educativa, é necessário “tender a levar, simultaneamente, ao conhecimento de mais fatos, a entreter mais ideias e a melhor e mais organizado arranjo desses fatos e ideias”. (Dewey, 1979, p.86).

Para Dewey, o professor é referência, é elemento necessário no processo educativo porque ela faz o papel de mediador. É o primeiro responsável pelo desenvolvimento de cada estudante. Quanto ao professor, o pensador afirma o seguinte:

> O professor é o líder intelectual de um grupo social: líder, não em virtude de um cargo oficial, mas de seu mais largo e mais profundo acervo de conhecimentos, de sua experiência amadurecida. A suposição de que o princípio de liberdade aplica-se aos discípulos, mas exclui o professor, obrigando-o a abdicar toda a liderança, é simplesmente tola. (Dewey, 1979, p. 55).

O papel do docente é indispensável em todo o processo, no entanto, não mais como autoridade suprema, mas como pessoa que, por sua experiência de vida, tem maior conhecimento, servindo de modelo aos estudantes. “O professor perde a posição de chefe ou ditador, acima e fora do grupo, para se fazer o líder das atividades do grupo”. (Dewey, 1979, p.55)

No entanto, não devemos confundir a função do professor, isto é, não devemos considerar o dono do processo da educação, mas somente um agente indispensável. Tanto o professor como o aluno faz o papel de quem ensina e de quem aprende. Deve haver essa inter-relação entre os dois indivíduos, no entanto, é o professor que possibilita um ambiente favorável para a aprendizagem.

> O professor não é dono do processo da educação, mas um agente indispensável. É ele quem cria o ambiente favorável para a aprendizagem, naturalmente numa relação recíproca com o aluno: ambos são alunos e ambos são professores. O processo da inter-relação traz isto consigo. Se ambos não aprenderem e ambos não ensinarem, o processo ensino-aprendizagem apresenta uma falha fatal. Considerando o processo da educação idêntico com a vida, necessariamente se chegará a esta posição. (Schmitz, 1980, p.89).

O autor considera muito o aspecto psicológico no processo de ensino-aprendizagem como já trabalhamos anteriormente em nossa pesquisa. O professor deve considerar a educação como um processo de vida, fazendo da escola um ambiente de exploração da experiência cotidiana. Por meio do professor, a sala de aula deve reproduzir o contexto cotidiano do aluno. Essa reconstrução ocorre por meio da consideração das experiências

familiares e das brincadeiras da criança. Diante disso, se faz necessário um conhecimento particular de cada criança. O educador deve estar informado dos acontecimentos que circundam o ambiente escolar e a sociedade, amparando-se nos diversos problemas existentes na sociedade e tomando por base a realidade do estudante. Ao reconstruir a experiência cotidiana, há possibilidades de o professor despertar interesse nos alunos pelos assuntos trabalhados. "A eficiência do professor é avaliada pela capacidade que ele tem de reproduzir na sala de aula o contexto do cotidiano da criança, suas experiências familiares e suas brincadeiras" (Loebens, 2003, p.32)

Para o trabalho docente, é importante destacar a existência das tarefas educativas e não educativas propostas por Dewey. Entendem-se como tarefas educativas aquelas que fornecem o estímulo para pensar e analisar. E atividades não educativas "não significam senão menos esforço, exigindo um motivo externo qualquer para que nos conservemos nelas". (Dewey, 1979, p. 90)

Tarefas sem interesse e, portanto, não educativas, tornam-se desagradáveis. Elas não possibilitam a compreensão dos fins e nem a busca dos meios para sua realização. Eliminam a inteligência e embrutecem o indivíduo, na qual deixa o estudante confuso e sem sentido nítido do que está fazendo. E por fim, o aluno trabalha sob pressão do professor, distraindo sua energia na proporção em que tal pressão se exerce.

Segundo o autor, a responsabilidade docente é de reconhecer situações concretas que levam ao crescimento do aluno. Dessa maneira, estando em interação com as condições físicas e sociais do ambiente ajudará no trabalho de reconstrução das experiências.

> A responsabilidade primária do educador não é apenas a de estar atento ao princípio geral de que as condições do meio modelam a experiência presente do aluno, mas também a de reconhecer nas situações concretas que circunstâncias do ambiente conduzem a experiências que levam ao crescimento. Acima de tudo, deve saber como utilizar as condições físicas e sociais do ambiente para delas extrair tudo que possa contribuir para um corpo de experiências saudáveis e válidas. (Dewey, 1979, p.32).

A proposta de Dewey é que o professor não transmite somente informações teóricas, utilizando apenas o processo de memorização. Sabemos que o saber programado contradiz o princípio de continuidade. Na teoria pragmática da educação, o professor deve conduzir a criança ao pensar, ao questionar e relacionar o conteúdo teórico com a realidade vivida de cada estudante. Agindo dessa forma, o educador vai colocá-la no caminho da autonomia e liberdade. Desde cedo, Dewey acredita nas capacidades da criança. Acredita que desde criança, é possível ir construindo o entendimento do mundo, das coisas.

O docente deve "conduzir uma experiência viva e pessoal", deve importar-se com os modos porque a matéria se tornou uma parte da experiência, deve identificar o que realmente existe na criança de utilizável com referência àquela experiência, o processo porque esses elementos podem ser aproveitados, o modo como seu próprio conhecimento da matéria possa assisti-lo na interpretação dos desejos e atividades infantis, e, por fim, a descoberta do meio em que a criança deve ser colocada, para que seu crescimento venha a ser devidamente orientado. O seu interesse não está na matéria de estudos como tal, mas como fator da experiência total e crescente da criança. (Dewey, 1971, p.56)

Na reconstrução da experiência, o educador deve ser empático, ou seja, deve buscar se identificar com o indivíduo que aprende e tentar sentir o que ele sente. Dessa maneira, haverá uma maior compreensão da realidade vivida pelo estudante e terá o desejo de melhorar sempre mais a vida da criança.

> Constitui princípio cardeal da mais recente teoria de educação dever toda instrução iniciar-se pela experiência que o aprendiz já possui: essa experiência e as capacidades desenvolvidas durante esse período anterior (à escola) fornecem o ponto de partida de toda aprendizagem posterior. (Dewey, 1979, p.75).

Em conformidade com a teoria deweyana da educação, é no aprender a pensar que o indivíduo poderá ser livre e conviver com os outros. O professor não deve apresentar tudo concluído para o estudante, o que acarreta em uma transmissão teórica programada, por memorização, mas sim, é preciso ensiná-lo a resolver os problemas. Ele não deve impor valores, nem ideias, nem hábitos, mas buscar influenciar positivamente para que o aluno encontre seu próprio caminho. Deve, enfim, ser o facilitador e guia das crianças. É assim que se aplica o princípio de continuidade, a reconstrução da experiência no processo de ensino-aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de inúmeras reflexões já realizadas quanto ao processo de ensino aprendizagem, destaca-se a corrente filosófica do pragmatismo. Ela, por sua vez, surgiu no início do século XX, período em que os Estados Unidos passou por significativas mudanças no contexto econômico, político e social. Por meio disso, houve a necessidade de uma nova reflexão referente a metodologia e a concepção de educação. Afinal, a sociedade estava em transformação e, por isso, a educação também necessitava acompanhar tal processo.

John Dewey, um dos fundadores do pragmatismo, viveu nesse período de transformação. Essa corrente filosófica surgiu como uma espécie de ideologia de superação do ser humano diante dos novos problemas e desafios.

O surgimento da teoria pragmática da educação é o marco central da passagem da Escola tradicional para a Escola Nova, ou também conhecida como Escola Renovada. A escola tradicional consistia numa organização já acabada, isto é, defendia um modelo de educação por memorização onde o processo de ensino-aprendizagem ocorria através do método de imposição. As matérias de estudos eram provindas somente do passado, diferente da Escola Nova que, por sua vez, utilizava as experiências passadas e reconstruía na realidade vivida pelo estudante. A partir disso, é possível afirmar que a escola renovada está baseada na experiência como fonte de problemas.

A experiência é o fator principal na teoria da educação do pensador e o ponto central da corrente filosófica do pragmatismo. O objetivo da educação é a própria educação, isto é, o ensinar a aprender. Ela visa a formação do indivíduo para o agir de forma adequada a todas as experiências presentes e futuras, no entanto, esse processo de ensino-aprendizagem ocorre através da reconstrução da experiência. É através dela que ocorre todo o conhecimento e toda a ação. Porém, para tornar-se uma experiência educativa deve haver a compreensão de algo. Diante disso, podemos afirmar que a experiência possibilita a transformação do mundo.

REFERÊNCIAS

DEWEY, John. **Democracia e Educação**: Introdução à Filosofia da Educação. Trad. Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Nacional, 1979.

DEWEY, John. **Vida e Educação**. Trad. Anísio Teixeira. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

LOEBENS, Sirlei Teresinha V. **A educação como reconstrução da experiência em John Dewey**. Toledo, 2003.

SCHMITZ, Egidio Francisco. **O Pragmatismo de Dewey na Educação**: Esboço de uma filosofia da educação. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena Introdução à Filosofia da Educação**: A Escola progressiva, ou, a Transformação da Escola. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2000.